

REGIÃO METROPOLITANA

SALVADOR

salvador@gruposarade.com.br

TEMPORADA Transatlântico traz
3.952 turistas para a capital

www.atarde.com.br/bahia

CONSCIÊNCIA NEGRA Liberdade, Beiru, Eng. Velho da Federação são exemplos de espaços na capital

Quilombos urbanos preservam história e cultura do povo negro

BEATRIZ ALMEIDA*

As regiões escolhidas para refúgio dos povos africanos escravizados não ficaram no passado. Espaços denominados como quilombos, onde os escravizados se escondiam e se organizavam, hoje, são os bairros populosos da cidade. Os chamados quilombos urbanos guardam histórias e memórias ancestrais marcadas pela resistência.

Liberdade, Beiru, Engenho Velho da Federação. São três dos muitos quilombos urbanos na capital, alguns certificados pela Fundação Cultural Palmares (FCP), outros autoafirmados quilombos contemporâneos. "Tratamos os bairros negros como quilombos urbanos, mesmo sem a certificação da FCP, considerando que atuam das mais diversas formas em defesa do território onde famílias residem por várias gerações, frente a especulação imobiliária e a pouca infraestrutura", explica a historiadora Magnair Barbosa.

Os quilombos urbanos surgiram como dormitórios para os negros fugidos que se instalavam ao redor das cidades e eram frequentadas pelos grupos que tentavam a vida nos mercados e portos da cidade. Logística semelhante aos bairros periféricos, que comportam a força de trabalho da capital baiana. Mulheres e homens que diariamente viajam ao centro comercial para trabalhar. Para além de distância e criminalidade, esses centros de convivência expressam a essência do Brasil: cordialidade, resistência e empreendedorismo.

Formação

"Com a ocupação urbana, a expansão territorial e a explosão demográfica, os bairros negros, muitos localizados em antigos quilombos históricos, como Cabula, Itapua, Pirajá, produzem formas de resistências e sociabilidades à medida que reivindicam o direito à cidade e, dessa forma, ao território", esclarece a historiadora Magnair Barbosa.

"Na Senzala do Barro Preto [sede do bloco Ilê Aiyê]



Psicólogo Diego Lima é um dos idealizadores da biblioteca comunitária Zeferina Beiru, em atividade desde 2013

não acontece só festa. Diversas atividades são desenvolvidas, como a escola complementar, cursos profissionalizantes, de dança e de percussão, além de casamentos, batismos, além de abrigações de saúde como vacinação", expõe o presidente do bloco afro Ilê Aiyê, Antônio Carlos dos Santos, 66 anos, Vovô do Ilê.

Ele contou que, apesar de inúmeras propostas, a intenção de sair do bairro da Liberdade nunca existiu. "Sempre consideramos o Curuzu como um quilombo, independente de qualquer título". Vovô nasceu e cresceu no bairro e relata que o que acontece na sede do bloco é a continuidade do que a localidade já tem como potencial. "Sempre foi um bairro

de muita festa, com muitos terreiros de candomblé e muita reza das pessoas ligadas ao catolicismo, como de Santo Antônio".

O bairro da Liberdade surge no processo de pós-abolição. Com o passar dos anos, o bairro foi subdividido em localidades que muitas vezes não têm estrutura de bairro, como o Curuzu. "Toda comunidade negra sempre foi tratada como quilombo, no sentido do caso das autoridades, mas, apesar disso, as pessoas daqui têm muito orgulho da Liberdade e do título de maior bairro negro fora de África", finaliza Vovô.

O sentimento de identidade e pertencimento é repassado para futuras gerações por meio da representatividade. O sonho de Emanuel Santos, 9 anos, é ser modelo inspirada nas Deusas do Ebanó do bloco afro. "Minha mãe e minha vó me trazem aqui sempre. É uma emoção vê todas as mulheres lindas e vestidas com aquelas roupas. Por causa disso, eu quero ser modelo. Elas são minhas referências".

*SOB A SUPERVISÃO
DA EDITORA MEIRE OLIVEIRA

Biblioteca comunitária fortalece identidade local

A região do Beiru historicamente sediou vários quilombos, como o do Cabula e o do Urubu. Hoje, coloca-se como um quilombo contemporâneo, mas segue sendo um espaço de resistência. Em 2013, surgiu um centro como o intuito de preservar e transmitir a história da região, a biblioteca comunitária Zeferina Beiru.

"Nós temos o objetivo de mostrar aos nossos quem somos de verdade, trazer a história. O nome foi pensado para rememorar e homenagear os nossos heróis Beiru e Zeferina", explica o psicólogo Diego Lima, morador do Beiru e um dos idealizadores do espaço.

Motivação

A biblioteca surge como um espaço afrocentrado de fortalecimento da história e da identidade. "Nosso bairro é conhecido pelo índice de baixa expectativa de vida, e isso está relacionado com a falta de referencial identitário. Então, entendemos como

é importante falar das nossas lideranças para além de Zumbi e Mandela, os nossos heróis do dia a dia", explica o psicólogo.

Diego conta que a forma que eles encontraram de ir para o embate contra o racismo estrutural foi a partir da ideologia, não da violência, trabalhando com base nos referenciais negros e mostrando quem são aquelas pessoas que a sociedade tende a marginalizar e apagar.

O papel da biblioteca é de ser uma facilitadora no processo de conhecimento da história do bairro e da população que ali sempre viveu, mas foi apagada de forma sistemática.

"Trabalhamos para além da leitura, apesar de ter um acervo variado, entendemos a importância da oralidade, da corporeidade. De qualquer forma, nós conseguimos falar sobre a gente, contar a nossa história e ressignificar o que os próprios moradores pensam do bairro", finaliza Diego Lima.

CORTEJO AFRO

Caminhada da Liberdade é cancelada por falta de apoio

DINDARA RIBEIRO*

A tradicional Caminhada da Liberdade, que celebra o Dia da Consciência Negra, não será realizada este ano. As informações foram confirmadas, ontem, pelo coordenador do Fórum de Entidades Negras da Bahia, Jorge Antônio.

Um dos integrantes da entidade, o presidente do bloco afro Ilê Aiyê, Antônio Carlos Vovô dos Santos, lamentou e explicou que, apesar da importância e beleza da mobilização, a falta de apoio financeiro dificulta a realização de mais uma edição do evento na tarde de hoje.

Esta seria a 18ª edição da marcha da Consciência Negra, que tem saída na Senzala do Barro Preto, sede do Ilê Aiyê localizada no bairro da Liberdade, e tem como destino final o Pelourinho, no Centro Histórico de Salvador. Ao longo de todo o percurso, a Caminhada da Liberdade reúne milhares de pessoas que seguem em percussão dos tambores de blocos afros tradicionais, como Ilê Aiyê, Muzenga, Malé Debalé e Os Negões.

Durante as suas edições, o evento homenageou importantes personalidades do movimento negro e traz à tona questões sobre a importância de valorizar a história de luta e resistência do povo negro.

Conen

Já a Coordenação Nacional de Entidades Negras (Conen) mantém a 39ª Marcha da Consciência Negra com concentração, às 14h, no Campo Grande, e encerramento na Praça Municipal de Salvador.

A entidade homenageará lideranças como Osvaldo Orlando da Costa (1938-1974), líder revolucionário da guerrilha do Araguaia; Marielle Franco, feminista, ativista dos Direitos Humanos e vereadora do Rio de Janeiro assassinada este ano; mestre Moa do Katendê, capoeirista; e o jovem Charlione Lessa Albuquerque, ambos assassinados durante as eleições.

*SOB SUPERVISÃO
DA EDITORA LHYAS FELICIANO

MAPA DO RACISMO

Aplicativo registra casos em todo o território baiano

BEATRIZ ALMEIDA*

Com a campanha "Racismo não se discute, se combate", o Ministério Público da Bahia (MP-BA) marca o Novembro Negro lançando o aplicativo Mapa do Racismo, que vai registrar ocorrências no estado. Apesar de 130 anos da abolição da escravidão, o racismo ainda é um assunto recorrente na sociedade, fomentando o debate sobre a violência racial.

No aplicativo será possível denunciar casos sofridos ou testemunhados. A ferramenta trará informações que vão ajudar as pessoas a identificarem o crime e possibilitará o registro de denúncias anônimas de discriminação racial, intolerância religiosa, injúria racial e racismo institucional.

Será possível enviar fotos, áudios, textos, vídeos e digitalizar documentos. "A campanha vem para visibi-

PROGRAMAÇÃO

10ª Lavagem da Estátua de Zumbi dos Palmares, às 9h, na Praça da Sé

39ª Marcha da Consciência Negra Zumbi dos Palmares, às 14h, no Campo Grande

Mulher com a Palavra e lançamento de "O que é interseccionalidade", às 20h, no TCA

lizar que o racismo existe, causa muita desigualdade e mata. Não adianta a gente ter uma ferramenta tão poderosa de acesso direto ao Ministério Público, como o aplicativo, se a gente não consegue difundir isso", disse a coordenadora do Grupo de Atuação Especial de Proteção dos Direitos Humanos



e Combate à Discriminação (Gedhdis) do MP-BA, a promotora Livia Vaz.

Rotina

"É meio triste que só se fale sobre consciência negra em novembro, porque casos de racismo acontecem o ano todo", desabafa o estudante Vanderson Santos. Sendo

Salvador a cidade com mais negros fora da África, torna-se cada vez mais difícil sustentar o mito da democracia racial.

Nas ruas, as pessoas relatam histórias de dificuldade, violência e desamor motivadas pela cor da pele ou fenótipos negroides. "Eu tenho amigas que dão

alisante no cabelo, pintam de loiro até os pelos dos braços e das pernas para se sentir um pouco brancas. Eu digo que isso vai passar e que o cabelo delas vai crescer lindo, mas não adianta", compartilha a estudante Ananda Vitória.

Também não é difícil encontrar pessoas que tenham

Ferramenta foi lançada em solenidade na sede do MP-BA

muito a contar e ensinar sobre negritude. "A presença dos negros aqui no Arenoso é muito forte e eu acho muito bom falarem sobre isso porque se eu sou negra, tenho que dar valor a minha cor e a todas as pessoas que conhecem a sua origem e não querem esconder", esclarece a ialorixá Adalice de Andrade, 80 anos.

A partir de debates e discussões sobre a temática, crianças e adultos negros podem se reconhecer e aprender a se defender de práticas discriminatórias.

"É bom quando a gente faz trabalhos sobre isso na escola porque mostra sobre a nossa raça e que a gente não tem que ter vergonha da nossa cor. Somos gente como os brancos", finaliza a adolescente Ananda Vitória, 14 anos.

*SOB A SUPERVISÃO
DA EDITORA MEIRE OLIVEIRA

Luciano da Matta / Ag. A TARDE